

PRESENÇA LATINA NOS MEANDROS DE DICIONÁRIOS

Amós Coelho da Silva (UERJ / ABRAFIL)

RESUMO: A não ser que se investigue em dicionários, como seria possível, relacionar *altus, adulescens/adolescens* como família cognata, cuja base seria do latim *alo, alis, alēre, alui, altum / alitum* (alimentar)? A capacidade de inovação na língua literária e padronização da língua usual. A deriva da língua, ou seja, orientações de mudanças embutidas ou encapsuladas numa fase linguística. A interação social no mundo da comunicação entre os indivíduos. O problema da evolução fonética, como história interna do português, em contraste com a analogia na língua. Iracema é anagrama de América?

PALAVRAS-CHAVE: dicionário; evolução histórica; analogia.

LATIN PRESENCE IN THE MEANDERS OF DICTIONARIES

ABSTRACT: Unless it is investigated in dictionaries, how would it be possible to relate *altus, adulescens/adolescens* as a cognate family, whose base would be the Latin *alo, alis, alēre, alui, altum / alitum (to feed)*? The capacity for innovation in the literary language and standardization of the usual language. The drift of the language, that is, orientations of changes embedded or encapsulated in a linguistic phase. Social interaction in the world of communication between individuals. The problem of phonetic evolution, as the internal history of Portuguese, in contrast to the analogy in the language. Is Iracema an anagram of America?

KEYWORDS: dictionary; historic evolution; analogy.

1. Introdução

Francesco Della Corte, conforme sua nota 2, da página 15, admite como textos de primeira investigação filológica na Hélade *Crátilo* e *Íon*, de Platão e *A Poética*, de Aristóteles, *i quali tuttavia più che di filologia si occuparono di etimologia l'uno e della condizione dei poeti, l'altro.*¹ Todavia, a iniciativa deu-se na era de Pisístrato, século VI a.C., *qui primus Homeri libros confusos antea sic disposuisse dicitur ut nunc habemus,*

¹ Filósofos estes, entretanto, mais do que de filologia, se ocuparam da etimologia em um e no outro da condição do poeta.

o qual, de modo pioneiro, afirma a tradição, organizou, assim até então, esparsos livros de Homero como o temos nos dias de hoje. (Cíc. *De oratore*, III, XXXIV) Os resultados práticos e as teorias gramaticais, atrelados principalmente à filosofia, foram transportados para Roma e daí para o Ocidente.

Mas como Cícero, que deu nome a uma era, se posicionou diante disso? Procurou de pronto no dicionário latino nomes que correspondessem aos gregos, rejeitando termos gregos como ‘etymología’ e ‘sýmbolon’ e adotando em seu lugar *nota* - *sinal*, *marca* e *notatio* - *ação de marcar um sinal; observação, exame* – sendo que substituiu ‘etymología’ pelo neologismo *ueriloquium*, *dizer a verdade*, fundamentado na explicação popular sobre a palavra (*uerbum*), *daí uerbum boare, clamar a verdade* e correspondente ao grego ‘étymon légein’, *dizer a verdade*. Podemos observar pelo comentário de Quintiliano (século I d.C.) que a fixação do termo etimologia seria inevitável: *‘Etymología’ quae uerborum originem inquirit, a Cicerone dicta est notatio, quia nomen eius apud Aristotelem inuenitur ‘sýmbolon’, quod est nota. Nam uerbum ex uerbo ductum, id est ueriloquium, ipse Cicero, qui finxit, reformidat. Sunt qui, uim potius intuiti, originationem uocent. (1,6,28), Etimologia, que investiga a origem das palavras, foi denominada por Cícero de notação, porque o nome dela encontra-se em Aristóteles como símbolo, como marca ou sinal. A esse respeito, retirando uma palavra de outra, isto é, formando “ueriloquium”, a qual (=a expressão etimologia) o próprio Cícero receia. Existem os que, antes por força de observação, a denominam “originationem”.*

A proposta platônica no *Crátilo* fora um exame etimológico, no sentido pontualmente grego, ou seja, atualmente etimologia é empregada no sentido de formação de palavras, mas para Platão: ‘étymos’ = verdadeiro; ‘-logos’ = palavra, discurso; sufixo ‘-ia’, direcionando o escopo de sua pesquisa para a filosofia, ou seja, a busca da verdade e há de chegar à decepcionante conclusão da precariedade da linguagem em retratar a realidade exterior. Como ar em grego tem a forma ‘aer’, foi relacionada a sua etimologia a levantar (‘aírei’), por causa da forma, pois o ar levanta coisas do chão; o nome ‘héros’, herói, ligando-se a ‘éros’, amor, pois seria filho do amor – desprezando as respectivas vogais ‘e’ longas nas primitivas, das quais não poderiam derivar as breves ‘e’ nas segundas. É que Platão queira alcançar a ‘ousía’, e não a ‘alétheia’ oferecida como resposta na investigação da linguagem.

Os avanços da investigação clássica se realizaram pela sucessão cronológica: de Platão aos estóicos de Pérgamo e de Aristóteles aos pesquisadores de Alexandria.

Varrão, Marcus Terentius Varro (116 – 27 a.C.), evitou empregar ‘etymologia’ e, em seu lugar, usou a perífrase *origo uerborum* ou *uocabulorum*, *origem das palavras*.

No livro V, *De Lingua Latina*, Varrão anuncia que vai expor a ciência que os gregos chamam de etimológica, *quam Graeci uocant ‘etymologikén’* (com letras gregas). Há preocupação epistemológica em Varrão: *...praesertim cum dicat ‘etymologiké’ non omnium uerborum posse dici causam..., particularmente visto que se denomine um etimólogo, não poderia ser explicada a razão de todas as palavras... (L. Latina, VII,4)* Foi aluno de Aelius Stilo (final do séc. II a.C.), que teve o mérito de interpretar o antigo *Canto dos Sálios* e ser especialista em literatura latina, mas, no domínio da etimologia, encontra a negação de Varrão. É que o seu argumento é estóico, mas se constitui em uma abordagem falha: analisa a razão da origem da palavra pela herança estóica ‘katà antíphrasin’, traduzida por Francesco Della Corte como *per immagine contraria*, assim o comentarista italiano explica a abordagem etimológica de *miles*: *militem Aelius a mollitia ‘katà antíphrasin’ dictum putat, eo quod nihil molle sed potius asperum quid gerat, Élio julga o termo miles(soldado) proveniente por antífrase de mollitia (brandura), o que não é mole, mas que, de preferência, gera o áspero.*(p.107)

A restrição de Varrão é quanto à sua predileção pela etimologia *e contrario*, *por antífrase*; daí dizer Élio que *caelum (céu) provém de celatum (oculto, escondido), porque o céu é apertum (descoberto)*. Varrão também condenou a descrição etimológica de *lepus (lebre) provém de leuipes*, como comenta Jean Collart, *Varron Grammairien Latin*, p.257. Aliás, a fama de etimologias fantasiosas de Élio fez rir Quintiliano (I,6,34): *uolpes, quod uolat pedibus, volpes (raposa) porque voa pelos pés*, ou seja, *volpes* seria a reunião *vol* + *pés*. Isso chegou até nós pelo *De Lingua Latina*, V, 101, de Varrão.

Desse modo, um etimologista, no conceito de Varrão, confessaria a impossibilidade de ir além de certo ponto por falta de fontes fidedignas. Não é o caso de *equus (cavalo)*, que apresenta as cognatas *équites (cavaleiros, membros dessa ordem)*, *eques (cavaleiro, homem a cavalo)*, *equitatus (ação de andar a cavalo)*(LL., VII, 4) E este certo ponto ele define como *uerba primigenia, literalmente palavra primitiva*.

A partir dos estudos do indo-europeu, tronco linguístico hipotético, com ancestral comum há 3.000 anos a.C., através dos estudos comparativistas, tornou-se propício o advento da linguística, e, em consequência, a etimologia assumiu uma averiguação de base científica. Um dos aspectos importantes é a possibilidade de se

estabelecer uma correspondência entre as línguas irmãs e a matriz. De modo que, ao conseguirem relacionar o elemento “p” do latim (por ex.: *pes, pedis* – *pé; pater; pro*), correlato com o grego (*pous, podós; patér; pró*), ao “f/v” do alemão (*fuss, vater. von*), correlato com o inglês (*foot, father; for*); o elemento “t” do latim (*tres*), correlato com o grego (*treis*), ao “d” do alemão (*drei*), correlato com o inglês “th” (*three*); o elemento “f” latino (*fero* – levar), correlato com o grego (*phéro*), ao elemento inglês (*bear*) e, assim, foi fixado todo um aparato de paradigma fonético entre os dialetos indo-europeus, (latim, grego, sânscrito – a língua clássica da Índia – e as línguas germânicas), indicativos de raízes hipotéticas, como **dyew* - base onde repousa o genitivo de Ζεύς, ou seja: Διός – que significa luz, claridade, genitivo grego bem próximo a *dies, diei*, do latim, que é o nosso dia. Então, como *Iuppiter*, correspondente do grego Zeus? O elemento do termo latino é evolução da base *Iou-*, proveniente de **dyew*; donde, *Iuppiter* vem de *Iou* mais *pater* (alternado para *piter*), isto é, o pai da luz / claridade.

Quintiliano, depois analisar o desdobramento da metáfora em outras possibilidades de figura de linguagem, afirma sobre a importância da metáfora na composição do vocabulário:

Copiam quoque sermonis auget permutando aut mutuando quae non habet, quodque est difficillimum, praestat ne ulli rei nomen deesse videatur. Transfertur ergo nomen aut verbum ex eo loco in quo proprium est in eum in quo aut proprium deest aut tralatum proprio melius est. (INSTITVTIO ORATORIA, Líber VIII, 6, IV)

Também (a metáfora) aumenta a quantidade de palavras (com) o que não tinha permutando ou alterando, cada coisa que é muito difícil; põe à disposição (a quantidade palavras) para que não pareça faltar o nome de alguma coisa. Transfere-se, portanto, o nome ou o verbo de um ponto ao que é próprio nele ou ao que falta de próprio, ou ainda é transferido melhor do que o próprio.

A passagem acima é mencionada por Michel Bréal (1992: nota 1 in p.91): *É graças à metáfora, segundo observa Quintiliano (VIII, 6), que cada coisa parece ter seu nome na língua.*

Em edições antigas, liam-se mais considerações sobre dois exemplos: *linha e ponto* de Othon M. Garcia, retirados do *Dicionário de Laudelino Freire*. O Autor de *Comunicação em Prosa Moderna* afirmou naquelas edições mais antigas que as palavras *linha e ponto* teriam, respectivamente, 165 e 117 sentidos. A do ano 2002 se

restringe a dizer *cerca de cem acepções* (p.176). Inclusive, é interessante refletirmos quais seriam aqueles sentidos?

Uma outra citação de Othon M. Garcia é a de Karl Bühler a respeito das funções primordiais da língua. Assim, para expressar o mundo biossocial, temos na tradução do Mattoso Câmara², a função “representativa”, sempre que usarmos a língua em sua capacidade de fazer um recorte do mundo exterior, o que podemos também denominar como denotação. Se a finalidade for exprimir sentimentos, exploraremos a função de “exteriorização psíquica”. Na tradução de Roman Jakobson para a língua portuguesa, se fala em função “emotiva”, que parece termo mais simples e eficaz. Ao contrário da tradução que foi feita de Roman Jakobson para o português, quanto à finalidade persuasiva de língua, ou seja, “conativa”, o termo “apelo” – “apelo” está em *Comunicação em Prosa Moderna* - ou “atuação social” e que foram palavras indicadas por Mattoso Câmara, e nos parecem mais precisas.

2 – A Interação Social

Na Poética, Aristóteles (Origem da Poesia) diz que imitar é da natureza dos homens, pois sentem prazer nisso, porque aprendem. Enfim, chega-se a analogia.

O Prof. Gladstone (1967), ao invés de responder por que se deu a ruptura da ‘*forma latina*’ e se lhe sucederam as ‘*formas neolatinas*’ e possibilidade de novas rupturas com novas filiações linguísticas, preferiu esclarecer a questão por dois caminhos: “O Papel da Analogia na Língua” e “Causas e Efeitos da Evolução Fonética”. Como vimos anteriormente os antigos gramáticos, mais ou menos, denominaram esta questão como “anomalia” e “analogia”. O fato é que é inevitável a evolução, que deforma – como a tendência popular ao diminutivo de *auris* (*ouvido*) para *aurícula*, que eles ouviam *auricla*, que logo passou a ser ouvida *oricla* e, finalmente, *orelha*. Mas a formação do português arcaico, ou seja, o português anterior a Luiz Vaz de Camões, era constituído de um vocabulário muito pequeno, porque, neste momento histórico, a deriva da língua que abastece as necessidades de comunicação é pobre. As criações românicas se ativeram no campo mais propriamente gramatical, como 1) o artigo “o, a, os, as” que veio do demonstrativo latino *illum, illam, illos, illas*; 2) as formas de futuro do presente e do pretérito; 3) o pronome pessoal de terceira pessoa: ele, ela, eles, elas (da forma *ille*, por analogia aos adjetivos flexionou em ela, eles, elas). O esquecimento

² Othon M. Garcia, neste passo, não cita expressamente Mattoso Câmara, mas está em sua bibliografia.

semântico de “cum” em “mecum” (e similares) tornando-se *-migo*, com anteposição “co-”, daí “comigo”, quer dizer, uma das múltiplas ações da analogia. O antigo dativo “illi” passando a “lhe”, bem “mihi” a “a/para mim” etc.

A formação do vocabulário se dá com a continuidade linguística, a importação estrangeira, que ocorre por força dos contatos com outros os povos, e a derivação vernácula, a partir da relatinização de um aporte de adaptações fono-morfológicas herdadas da evolução do Latim Vulgar. O romance³ lusitano, falado pelos suevos, visigodos e os habitantes do território ocidental da Península Ibérica, apresentavam um idioma sem estabilidade. Deixaram de falar “equus” (cavalo), “domus” (casa), “bellum” (guerra), “ludus” (jogo), porque estas palavras pertenciam ao hábito do nobre romano. Se não tivesse acontecido a intervenção de escritores, dentre os quais o principal fora Luís Vaz de Camões, considerado o marco inicial do português moderno, não teríamos um vocabulário tão rico nos nossos dias com mais de trezentos vocábulos – além do que isso testemunha a importância da escrita para os povos civilizados em relação à língua oral -, porque no processo histórico de evolução do latim para o português só no restariam aqueles étimos do caso lexicogênico, ou seja, o caso a que foi reduzido o Latim Vulgar no trajeto para a formação dos romances, como as palavras existentes desde o português arcaico inteiro, trevas, cadeira, resultantes da simples evolução.

Com a relatinização do português quinhentista, uma considerável ampliação vocabular, às vezes, relatinizando termos arcaicos, como *avondança* e *esmar*, em abundância e estimar, calcados no latim clássico *abundantia* e *aetinare*, ou por neologismos, como *potestate*, tirado do latim clássico *potestas*, bem como um nova formação de substantivo composto: *grandiloquente*, proveniente do modelo de inovação em Latim Clássico de Lucrécio, introdutor do epicurismo grego, linguagem filosófica difícil de trasladar para o latim, que tinha perdido múltiplos elementos mórficos na sua evolução histórica do indo-europeu, donde a necessidade de criar em parelha com o grego: neologismo de substantivos compostos. Ora, Lucrécio, como elo de uma corrente da formação da língua literária latina, notou que havia uma *rerum nouitatem, novidade de assunto* (*De rerum natura, I, 139*), entre os gregos, exigindo uma criação de neologismos para que se pudesse dar competência ao idioma do Lácio, superando a *egestatem linguae* (idem), *a pobreza da língua (latina)*; por isso, no seu esforço de

³ Romance ou romance (CÂMARA JR., s/d) provém da locução “Romanice loqui, falar uma língua românica”, e não “falar latim, latine loqui”. Como as obras de ficção eram redigidas em romance de cada local, passou a ser também a designação da própria obra.

expressão clara, recriou um novo item de processo de formação vocabular, compondo em latim uma nova forma, que contém numa única palavra uma estrutura frasal, como era comum entre os gregos, como nestes três exemplos do livro I: *squamigerum* (v.162) (squamirger = squama + ger- – o que leva escama sobre si); *siluifragis* (v.275) (siluifragus = silua + frag-, o que quebra as árvores das florestas); *montiuagus* (v.403) (mons + vagus – o que percorre as montanhas); *frugiferentis* (v. 3, frux, + fer-, produção de legumes) etc. Por analogia, surgirá, p.ex., naufragium (nau + fragus – quebrada), como forma vernácula, ou seja, sem ser estrangeirismo.

O nosso moderno dicionário Houaiss eletrônico já dispõe de duas leituras: uma é o Dicionário da Língua Portuguesa e a outra é Dicionário de Elementos Mórficos. Eis um exemplo:

Sterno, sternis, sternere, stravi, stratum – estender

-ster- elemento de composição, interpositivo, de uma raiz i.-e. *ster- 'estender' (prov. conexa com a raiz do lat. *struere*, ver **-stru-**), com representantes já no sânsc., já no germ., já no gr., já no lat. (nas línguas român. em geral); no port., há voc. advindos:

1) do gr. *stratós, oû* 'exército; frota, armada; p.ext. bando; povo', fonte, no gr., de *stratégós, oû* 'chefe do exército; general', *stratégía, as* 'comando de um exército', *stratégikós, ê, ôn* 'relativo a tal comando', *stratêgema, atos* 'manobra de guerra; p.ext. artil de guerra'; ver ¹**estrat(i/o)-**;

2) do gr. *stérnon, ou* 'parte larga e plana que forma a frente do peito; peito (de homem ou de mulher) etc.'; ver **estern(i/o)-**; **3)** do v.lat. *sternó, is, strávi, strátum, sternère* 'estender; deitar à terra', fonte no lat. de f. em **-stern-** e **-strat-**, tais como: **a)** lat. *strata, ae* (via) 'estrada, caminho coberto de pedras; pista de rua etc.', ver **estrad(a)-**; **b)** lat. *strátum, i* 'leito, cama; coberta de cama', ver ²**estrat(i/o)-**; **c)** v.lat. *consterno, as, ávi, átum, áre* 'abater; p.ext. espantar, atemorizar, perturbar etc.' (f. intensiva em **-á-** de *consternère* 'abater'), donde, no port., os voc. *consternação, consternado, consternador, consternante, consternar, consternável*; **d)** v.lat. *prosterno, is, strávi, strátum, sternère* 'deitar abaixo, derrubar, estender por terra; fig. arruinar, estragar etc.', fonte, pelo fr. *prosterner* (sXV), do v.port. *prosternar* (sXIX), donde os segg. voc. port.: *prosternação, prosternado, prosternamento, prosternante, prosternativo, prosternável*; **e)** lat. *prostrátum* (< v.lat. anterior), donde o v.lat. **prostráre* (representado nas línguas român. em geral), fonte do port. *prostrar* (sXVII) e de seus der. *prostração, prostrado, prostrador, prostramento, prostrante, prostrável*; **f)** v.lat. *substerno, is, strávi, strátum, sternère* 'estender por baixo, estender no chão', fonte do lat.

substrátus 'ação de estender por debaixo', donde o port. *substrato* (esp. *substrato*, fr. *substrat* etc.); **g**) lat. *stramen, inis* 'o que se estende no chão; palha estendida; cama etc.' e lat. *straméntum, i* 'cama (de palha); coberta, manta etc.', fontes dos voc. port. *estrame* (sXVII) e *estramento* (sXIV); **h**) lat. *stráges, is* 'ruína; devastação etc.' (f. em -g-), fonte do v.lat. **stragáre* 'assolar, devastar, avariar etc.', ver ¹**estrag-**; **4**) do fr. *adstrat* e do fr. *superstrat*, formados, à feição erudita (de *ad-* ou *super-* + lat. *strátus*), segundo o modelo de *substrat*, os voc. port. *adstrato* e *superstrato/superestrato*

-stru- elemento de composição, interpositivo, de v. (e seus cog.) der. do v.lat. *strùo, is, uxi, uctum, ère* 'dispor em pilhas, empilhar (materiais), reunir, ajuntar, amontoar, criar, construir, erguer' em cultismos e semicultismos

1) do v.lat. *constrùo, is, uxi, uctum, ère* 'amontoar, acumular, empilhar, levantar, construir, edificar', a partir do sXIV: *construção, constructal, constru(c)to, construção, construído, construidor, construir, construtível, construtividade, construtivismo, construtivista, construtivístico, construtivo, construtor, construtora, construtura; inconstruível, inconstruto; reconstrução, reconstruído, reconstruinte, reconstruir, reconstrutivo, reconstrutor;*

2) do v.lat. *destrùo, is, uxi, uctum, ère* 'destruir, arruinar, aluir, derrubar', desde as orig. da língua: *destróier* (< ing. *destroyer*), *destruição, destruído, destruidor, destrimento, destruir, destruível; estruição, estruir; indestrutibilidade, indestrutível, indestruto;*

3) do v.lat. *instrùo, is, uxi, uctum, ère* 'erguer, levantar, construir, pôr em ordem, formar, dispor, preparar, prover, fornecer de; ensinar, instruir', desde as orig. da língua: *desinstruído, desinstruidor, desinstruir, desinstruível, desinstrutor; instrução, instrucional, instruendo, instruído, instruidor, instruidote, instruir, instruível, instrumentação, instrumentado, instrumentador, instrumental, instrumentalismo, instrumentalista, instrumentalístico, instrumentante, instrumentar, instrumentária, instrumentário, instrumentativo, instrumentável, instrumentismo, instrumentista, instrumentístico, instrumento, instrutivo, instruto, instrutor, instrutório, instrutura;*

4) do v.lat. *obstrùo, is, uxi, uctum, ère* 'construir diante ou do lado, fechar, tapar por uma construção, obstruir', do sXVIII em diante: *desobstrução, desobstruência, desobstruente, desobstruído, desobstruidor, desobstruimento, desobstruinte, desobstruir, desobstruível; obstrução, obstrucionismo, obstrucionista, obstrucionístico, obstruente, obstruído, obstruir, obstrutividade, obstrutivo, obstrutor;*

5) do v.lat. *strũo, is, uxi, uctum, ère* 'dispor em pilhas etc.', do sXVIII em diante: *desestruturabilidade, desestruturacão, desestruturado, desestruturador, desestruturante, desestruturar, desestruturativo, desestruturatório, desestruturável; estrutivo, estrutura, estruturacão, estruturado, estruturador, estrutural, estruturalismo, estruturalista, estruturalístico, estruturamento, estruturante, estruturar, estruturável; infraestrutura, infraestrutural; reestruturacão, reestruturado, reestruturador, reestruturar, reestruturável; subestrutura, subestrutural;*

6) do v.lat. *substrũo, is, uxi, uctum, ère* 'fazer uma construçã subterrânea, deitar alicerces; lançar os fundamentos, construir embaixo ou ao pé', do Renascimento para cá: *substruçã, substrutura*; a cogação inclui ainda *indústria* e derivados; ver *industri-*

A significacão de uma palavra é complexa. Por exemplo, atribuiu-se ao apóstolo João o livro bíblico, intitulado *Apocalipse*, cuja significacão básica é revelacão – pelo latim *revelatio, -õnis*, tirar o véu – no Chantraine (1999), temos, etimologicamente, a composicão com ‘apo-’, *separacão, afastamento* mais ‘kalyptein’, *esconder*, do indoeuropeu **kel-*, encontrado no equivalente do latino **cẽlo, *cẽlere*, de sua evolução temos *occulẽre*, ocultar e em grego *κẽλυφος*, ‘kẽlyfos’, *caixa, estojo*. Mas a expressão “apocalipse” e derivados, embora de formação tardia, se multiplicaram em significacões. Note-se a intercalacão latina presente etimologicamente. A inserção latina se concretiza objetivamente para tornar legítima e compatível na língua o verbete em sua forma grega, transcrita aqui pelo Houaiss eletrõnico: “lat.tar. *apocalypsis, is*, do gr. *apokalũpsis, eõs* ‘ato de descobrir, descoberta; revelacão’”.

Deonísio da Silva editou 18ª. edição de *De Onde Vẽm as Palavras: Origens e Curiosidades do Português*. Este dicionário é um comentário etimológico com 1192 páginas e inclui verbetes de contatos mais recentes do povo brasileiro. Além de serem transcritos com o alfabeto moderno. Ora, o alfabeto atual é uma nova forma de intromissão do latim, pois é a assimilacão do alfabeto grego pelo povo romano, mas não diretamente proveniente da Grécia, e sim através do etrusco, que dominava, então, o povo de Roma.. Um exemplo listado por Deonísio é da página 11: “ABADÁ do ioruba *agbada*”

Paulo Rónai publicou uma coletânea sobre expressões latinas, intitulada *Não Perca o seu Latim* com a justa preocupacão pedagógica de orientar o que significa “mutatis mutandis”, “in statu quo ante”, “Alea jacta est” etc. Na obra *Palavras sem Fronteiras*, Sérgio Corrẽa da Costa dispõs um capítulo com título idêntico ao da obra de

Paulo Rónai: *3 – Não perca o seu latim*. Aqui, lemos depoimentos em epígrafes de Jorge Luis Borges, Maurice Druon, Charles de Gaulle sobre o que se deve lamentar por perder o latim. No item *Todas as palavras abstratas são latinas*, cite-se *A propósito da “natureza” das marcas romanas, Jorge Luis Borges assinala que caberia, com mais propriedade, meditar sobre a latinidade do ponto de vista do próprio pensamento, pois a grande maioria das palavras abstratas foi traduzida ou transcrita do latim nas línguas germânicas*. Em seguida, Borges cita *Kaiser, César e, mesmo, Czar...* (p.60) Ainda citando Borges: *Como se vê, a latinidade não pode ficar circunscrita aos países do Sul da Europa. [...] a latinidade é o Ocidente*. (Idem, ibidem). Destaca o fato de *Após a Vulgata (versão latina das Sagradas Escrituras, feita por São Jerônimo entre 382 e 392), o latim tornou-se a terceira língua litúrgica da Igreja Católica Romana, ao lado do grego e do hebreu*. (p.61)

Gladstone Chaves de Melo, in *Iniciação à Filologia Portuguesa*, menciona, no capítulo VI – A seleção e gradação da bibliografia, no item 18, a importância de bons dicionários que devem nos auxiliar para estudar ou ler a língua. O cuidado que recomenda Gladstone é ficarmos em alerta a respeito da tendência de preferência contra o certo e errado. Além desse cuidado, Gladstone destaca o dicionário etimológico como fonte de consulta.

3 – Conclusão

Valendo-se de suas próprias possibilidades, podem ser cunhadas em português uma infinidade de palavras através da prefixação e sufixação, por isso a consulta ao dicionário tem que ser criteriosa e devem ser lidas, mais ou menos, três para cima e três para baixo. Ainda ocorrem formas do tipo 1, 2, 3 etc., porque podem ser provenientes de idiomas estrangeiros, como a forma “oxalá”, que pode ser oriunda do árabe ou, aquela anteriormente estudada por Deonísio, do iorubano. Não há de se confundir a forma temática que se apresente em homonímia, porque o dicionário distinguirá o grupo ou grupos de família etimológica. Assim, “pedologia” deve estar incluído na sua matriz convenientemente, já que a adaptação fono-morfológica obscurece o radical grego:

- a) pedologia, s.f. estudo da criança em todas as suas fases. (do gr. pais, paidós, criança, logos, tratado, e suf. –ia).
- b) pedologia, s.f. Conjunto de estudos científicos sobre os solos.(do gr. pédon, solo, tratado, e logos, suf. –ia).

Além disso, a consulta pode ser mais complexa. Lendo Castro Alves encontramos: “Lá no solo onde o cardo apenas medra(...)”(*Vozes d’África*). Ao estranhar “medrar” deve-se ir ao dicionário, e lá, se lerá que é um termo da botânica e significa “crescer (vegetais); brotar”, portanto uma falsa aparência de cognato de “medrar: sentir medo (regionalismo brasileiro)”.

Há múltiplos tipos de dicionário, como o de símbolos, o de mitologia, o de termos gramaticais, o de termos literários, o de linguísticas etc. É numa fonte especializada em etimologia que devemos consultar a relação etimológica *altus, adulescens/ adolescens* como família cognata, cuja base seria do latim *alo, alis, alĕre, alui, altum / alitum* (alimentar). Note como Silva e Montagner listam os termos: *altus – adj. derivado do pp. de “alo”*; *adulescens/ adolescens – a indicação etimológica está no verbo adolesco: [ad + alo] crescer, desenvolver-se*; e assim outras consultas mais específicas. Não há nenhum apontamento nos escritos de José de Alencar com intenção de demonstrar Iracema como anagrama de América. Ao indicar tal afirmação é preciso realçá-la como uma descoberta apenas instigante, mas não como uma leitura absolutamente “lógica”, ainda mais se se tratar de uma aula para que o aluno não deixe de se sentir alimentado.

4 - Referências Bibliográficas:

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1992. Vols.I-II.
- _____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis, Vozes, 1993.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica*. Tr. Aída Ferrás *et alii*. São Paulo: Pontes, 1992.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon, s/d.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque: Histoire de Mots*. Paris: Klincksieck, 1999.
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José

- Olympio, 1994.
- COLLART, Jean. *Varron Grammairien Latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1974.
- COSTA, Sergio Corrêa da. *Palavras sem Fronteiras*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- DELLA CORTE, Francesco. *La Filologia Latina Dalle Origini a Varrone*. Itália: La Nuova Italia, 1981.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine: Histoire de Mots*. Paris: Klincksieck, 1985.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: 1988.
- MELO, Gladstone Chaves. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- ROBINS, R.H. *Pequena História da Linguística*. Trad. Luiz M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- RÓNAI, Paulo. *Não Perca o seu Latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- SILVA, Amós Coêlho da. e MONTAGNER, Aírto Ceolin. *Dicionário Latino Português*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SILVA, Deonísio. *De Onde Vêm as Palavras: Origens e Curiosidades do Português*. São Paulo: Edições 70, 2021. 18ª. Edição.
- SILVA NETO, Serafim *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Olimpica, 1970.
- TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- THE LATIN LIBRARY. <http://www.thelatinlibrary.com/index.html> - CONSULTA EM 20 DE JANEIRO DE 2022.
- TOSI, Renzo. *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. Trad. Ivone C. Benedetti. S. Paulo: Martins Fontes, 1996.
- TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Traduzido de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.